



Vozes da favela: o lugar do audiovisual comunitário no Rio de Janeiro

Voices of favela: the role of community audiovisual in Rio de Janeiro

Voces de la favela: el lugar del audiovisual comunitário en Río de Janeiro

Carlos Henrique Demarchi – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium |
Araçatuba | São Paulo | Brasil | carlos.demarchi@unesp.br |
 <https://orcid.org/0000-0002-4550-0135>.

A produção discursiva audiovisual elaborada por moradores de favelas cariocas é o tema central do livro “Comunidades audiovisuais: a comunicação produzida por jovens moradores de favela”, de autoria da professora do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, Lilian Saback.

A autora possui doutorado em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) em cotutela com o ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa. O livro deriva de tese defendida em 2015, intitulada “Parceiro do RJ/TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual”.

Lançado conjuntamente pelas Editoras Mauad X e PUC-Rio, o livro “Comunidades audiovisuais” se propõe a refletir sobre o jeito de ser e de se comunicar das comunidades das favelas. O audiovisual é tomado como instrumento de visibilidade comunitária.

Geralmente apresentada pela grande mídia como espaço de conflitos e de violência, a favela adquire outro status na obra de Lilian Saback – o de local de criatividade e de saberes diversos.

O livro é apresentado em duas partes principais. Na primeira, o enfoque se volta para a produção cinematográfica na perspectiva de quem conhece o cotidiano das periferias urbanas. “O uso do audiovisual como narrativa inclusiva” revela as estratégias, os formatos e as implicações dos conteúdos produzidos pelos moradores de comunidades cariocas.



Na segunda parte, intitulada “A favela e o jornalismo audiovisual”, a obra traz um relato minucioso acerca do surgimento do quadro “Parceiro do RJTV” no telejornal da TV Globo. Nesta iniciativa, criada em 2011, a emissora carioca passou a veicular reportagens conduzidas pelos próprios moradores das favelas. A partir do olhar dos moradores de regiões periféricas, mas sob treinamento de equipe técnica da Globo, as reportagens são vistas como espaços para a comunicação comunitária na emissora de TV aberta.

No que tange ao processo de criação de curta-metragens e documentários, a autora analisa como as narrativas inovam na maneira pela qual os moradores relatam suas próprias histórias e abrem expectativas de oportunidades de emprego.

A forma como essas produções audiovisuais são construídas e se as mesmas ocasionam contribuições sociais também não escapam da análise da pesquisadora, pois as possibilidades advindas com a internet potencializam a visibilidade das favelas.

O projeto “Parceiro do RJ TV” ampliou as vozes da comunidade na medida em que mostra a realidade local sob o ponto de vista do morador. Inicialmente restrita à capital do Rio de Janeiro, a proposta se expandiu para outras capitais do país, como São Paulo, Brasília e Belo Horizonte.

Com largo uso de entrevistas com os participantes do projeto, bem como produtores e coordenadores da iniciativa, a autora adentra o universo das comunidades. Perpassa a obra o cuidado em relacionar as práticas observadas com as técnicas de produção em telejornalismo, incluindo a estruturação das reportagens, com *OFFs*, sonoras e entradas dos repórteres nas gravações.

A autora trabalha com a tese de que as reportagens produzidas para o quadro Parceiro do RJTV constituem uma narrativa inclusiva, apresentando ‘modos de fazer jornalismo’ que alteram o padrão Globo de jornalismo.



Neste sentido, é destaque na publicação o fato de o cidadão comum ocupar o lugar de produtor. Essa inversão acaba sendo vista por Lilian Saback como uma narrativa que dialoga com a técnica, mas não perde a essência da realidade de seus produtores, pois “[...] configura uma nova narrativa incluída, que pode vir a contribuir efetivamente para o desenvolvimento da vida em comunidade” (SABACK, 2018, p. 155).

As análises do quadro do RJTV levam a autora a inferir que a parceria da TV Globo com os “parceiros” da produção acarreta outras visões em relação às favelas. Lilian Saback vê o lado positivo desta interação, ao sustentar que se multiplicam os olhares em relação às questões das favelas e às ações de intervenção para melhorar as condições de vida e capacitar os repórteres populares.

Nesta incursão, Lilian Saback traz o conceito de “heterotopia”, isto é, o “espaço do múltiplo, do realizável, que possibilita a criação de mundos possíveis e a prática da cidadania, rompendo com territorialidades fixas” (SABACK, 2018, p. 73). Esses espaços acabam sendo potencializados com as ferramentas digitais.

Em outros termos, o que ocorre é que as produções saem dos circuitos hegemônicos e passam a ser conduzidas por quem conhece diariamente a realidade das favelas. Logo, “com o audiovisual, o jovem morador da comunidade desenvolveu uma estratégia de olhar para o seu cotidiano, para os amores e solidariedade que os cercam” (SABACK, 2018, p. 53).

Para elucidar o protagonismo da vida retratada nas favelas cariocas, a autora se ampara no conceito de comunidade de afeto, da pesquisadora Raquel Paiva. A expressão remete à necessidade de outro modelo de produção midiática no contexto tecnológico contemporâneo, no qual a grande mídia precisa interagir com o público da favela. Essa conexão abre caminho para potencializar a comunicação comunitária, capaz de fomentar discursos próprios, sem intermediadores e centrada nos cidadãos.



“Comunidades audiovisuais” é leitura recomendada a estudantes, professores de Comunicação e interessados em conhecer com mais precisão a participação dos cidadãos no processo de construção de notícias.

Referências

SABACK, Lilian. **Comunidades audiovisuais:** a comunicação produzida por jovens moradores de favela. Rio de Janeiro: Mauad X: PUC-Rio, 2018.